



"Problemáticos ou invisíveis": o imaginário coletivo de idosos sobre adolescentes

"Troublemakers or invisibles": the collective imaginary of elderly people about the teenagers

**Natália Del Ponte de Assis
Rafael Aiello Fernandes
Tânia Aiello Vaisberg**
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Brasil

Resumo

A presente pesquisa investiga o imaginário coletivo de idosos sobre adolescentes, inserindo-se entre estudos qualitativos que vêm detectando formas sutis de preconceitos contra grupos pouco reconhecidos como alvos, tais como adolescentes e pessoas adotadas. Alinha-se segundo referencial psicanalítico intersubjetivo, que compreende que o método psicanalítico se funda sobre a adoção de uma atitude fenomenológica e demanda a consideração dos contextos vinculares e socioculturais nos quais os fenômenos estudados têm lugar. A realização de entrevistas individuais de seis idosos, residentes em zona urbana de uma cidade de interior, organizadas ao redor do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, permitiu a produção interpretativa de dois campos de sentido afetivo-emocional: "Seres Problemáticos" e "Seres Negados". O quadro geral indica que prevalecem imaginários preconceituosos, apontando para uma questão social e culturalmente relevante que requer transformações tendo em vista a criação de relações mais solidárias e construtivas entre as gerações.

Palavras-chave: adolescência; preconceito; imaginário coletivo

Abstract

This research investigates the collective imaginary of elderly people about teenagers. It is inserted between qualitative studies which have been detecting subtle forms of prejudice against some groups, such as adolescents and adopted people. It is aligned according to an intersubjective psychoanalytic point of view, which understands that the psychoanalytic method is based on a phenomenological attitude and demands the consideration of sociocultural contexts in which the phenomena studied take place. Individual interviews, organized around the "Drawing-Story Procedure" with a theme, with six elderly people who lived in urban areas of a small town, allowed the interpretative production of two fields of affective and emotional sense: "Troubled Beings" and "The Denied Beings". The overall picture indicates a prejudiced imaginary, pointing to social and culturally relevant issues, which require changes in order to create more solidarity and constructive relationships between the generations.

Keywords: Adolescence; prejudice; collective imaginary



Adolescência: alvo de preconceito e discriminação

A experiência clínica, tanto quando exercida em contextos institucionais como em consultório privado, tem permitido a observação de um fenômeno importante, que se configura como velada agressão preconceituosa dos adultos contra os adolescentes. Provavelmente bastante difundido na sociedade, tal preconceito, que parece espriar-se na vida cotidiana, raramente é nomeado de modo explícito na literatura, sendo, portanto, pouco discutido, pelo menos sob tal denominação. Entretanto, sua constatação tem sido feita por alguns pesquisadores brasileiros que, na esteira do uso de uma forma específica de operacionalização do método psicanalítico, que se iniciou com um trabalho sobre a exclusão social do paciente psiquiátrico (Aiello-Vaisberg, 1999), tem se dedicado ao estudo de variadas formas de preconceito em nossa sociedade. Tais pesquisas permitiram a percepção de manifestações preconceituosas contra alvos que não são habitualmente identificados como vítimas, tais como as crianças adotadas (Ferreira, 2006) ou pessoas com peso acima do normal (Gíóia-Martins, 1998). Outras pesquisas empíricas, realizadas com o mesmo método, vieram a apontar para a existência de preconceitos contra adolescentes: Camps (2003); Aiello-Vaisberg (2005); Barreto (2006); Barreto e Aiello-Vaisberg (2010); Cabreira et al. (2007a); Cabreira et al. (2007b); Minhoto, Ambrósio e Aiello-Vaisberg, (2006); Mencarelli, Bastidas e Aiello-Vaisberg (2008); Tachibana e Aiello-Vaisberg (2008); Montezi et al. (2011); Pontes (2011); Montezi et al. (2013) e Botelho-Borges, Barcelos e Aiello-Vaisberg (2013).

É interessante notar que comportamentos preconceituosos contra adolescentes, vale dizer, aqueles baseados precisamente no fato da pessoa se encontrar na faixa intermediária entre a infância e a idade adulta, sem articulação com outras condições, tais como ser homossexual ou afrodescendente, parecem ser recebidos até com certa complacência – que aparece, por exemplo, na expressão, supostamente humorística, contra a qual poucos se manifestam: “aborrecentes”. Acreditamos que seja exatamente este tipo de quadro que tenha dado origem ao conceito de adultismo, criado por Jack Flasher (1978) e atualmente definido como “a opressão feita por adultos, ou sistemas adaptados por adultos, que é vivenciada por crianças e jovens” (Le François, 2014, p. 47, tradução nossa).

Quando epistemologicamente concebido como conduta, o preconceito se apresenta como fenômeno complexo e multifacetado, passível de ser produtivamente abordado por diferentes ciências humanas, a partir de diversos referenciais teórico-metodológicos. No contexto da psicologia concreta (Bleger, 1963), campo disciplinar que se constitui a partir de pressupostos de uma psicanálise intersubjetiva, o preconceito é visto como manifestação que emerge a partir de campos de sentido afetivo-emocional, ou inconscientes relativos, cuja natureza é sempre vincular, inter-humana. Ou seja, não deve ser explicado como fenômeno que brota desde a interioridade psíquica individual de pessoas autoritárias e conservadoras. Os campos apresentam caráter eminentemente interativo e inserem-se, por sua vez, em



contextos sociais, econômicos, culturais, históricos e geopolíticos (Camps, 2003; Barus-Michel, 2005; Salles, 2005; Barreto, 2006; Resende, 2006; Pratta & Santos, 2007a; Pratta & Santos, 2007b; Klein, 2008). Ainda que não possamos aqui nos alongar, vale lembrar que o conceito de campo, tal como o utilizamos, aporta na psicanálise argentina pela via da leitura de Merleau-Ponty (1945), que possibilitou uma nova leitura da transferência como campo (Baranger & Baranger, 1969) e, de modo praticamente simultâneo, transformou a concepção do próprio inconsciente que passou a ser concebido como sentir pré-consciente e pré-reflexivo, subjacente a todas as manifestações da conduta humana (Bleger, 1963).

A nosso ver, o fenômeno da adolescência deve ser compreendido como produção social, sendo apenas uma das diversas formas, culturalmente possíveis, de se lidar com o processo biológico por meio do qual o indivíduo se torna adulto. Além disso, no interior de nossa sociedade, este período está longe de ser vivido de modo semelhante por pessoas que pertencem a diferentes classes sociais e ambientes culturais. O adolecer não é, portanto, um fenômeno abstrato, de modo que enquanto alguns gozam de uma proteção familiar e têm chances de pensar em profissões com formação universitária, outros, de camadas sociais inferiores, mal conseguem alfabetizar-se de fato, vindo a ocupar posições subalternas, mal remuneradas, no mercado de trabalho. Ou seja, enquanto na classe média se pode vivenciar a adolescência como uma fase de transformações, sonhos e expectativas, ainda que pontilhada por inseguranças, dúvidas e dificuldades, os jovens de classes desfavorecidas se veem obrigados a aceitar ocupações que lhes proporcionem ganhos imediatos, para que possam garantir a própria subsistência e, também, colaborar com o sustento da família (Barus-Michel, 2005).

Contudo, se a adolescência, enquanto produção social, está claramente condicionada à condição de classe, não deixa de ser curioso constatar, quando acumulamos experiência em clínicas institucionais e em consultórios privados, que tanto os jovens das camadas favorecidas, como aqueles das classes subalternas, parecem ser igualados, sob os olhares dos adultos, como problemáticos em função de sua idade. No contexto de imaginários inegavelmente preconceituosos circula o medo de que aqueles provenientes da classe média possam se comportar mal, excedendo-se, por exemplo, em festas universitárias ou ao volante, enquanto existe, em relação aos mais pobres, o temor de que possam se tornar delinquentes violentos, participando, por exemplo, de assaltos nos quais ameaçariam a integridade física das pessoas. Preocupações deste tipo certamente se acentuam em circunstâncias históricas como as atuais, durante as quais se pode observar um aumento da violência urbana ligado a um aprofundamento de desigualdades sociais (Scalon & Salata, 2012).

Defendemos, assim, a necessidade de realizar pesquisas empíricas que permitam verificar a eventual ocorrência de manifestações de preconceito contra adolescentes em diferentes grupos sociais que se relacionem mais ou menos diretamente com jovens.



Lembramos que, dado o desenho de pesquisa qualitativa adotado, não intencionamos generalizar nossos achados, porém caso condutas preconceituosas sejam constatadas, devem, a nosso ver, ser consideradas com vistas ao alcance de sua compreensão e detalhamento. Por esta via, tornar-se-ia possível a produção de conhecimento psicológico, a ser utilizado em vertentes psicoprofiláticas e psicoterapêuticas, bem como trazer subsídios para debates no âmbito das ciências humanas, de movimentos sociais e da sociedade civil. Sendo assim, parecem-nos justificadas investigações, como a presente, que objetivam estudar o imaginário coletivo de idosos sobre os adolescentes dos dias de hoje.

Estratégias Metodológicas

Optamos, na presente pesquisa, por abordar a questão do preconceito pela via do estudo do imaginário sobre o adolescente dos dias de hoje, considerando que a abordagem psicanalítica preza o cultivo de uma abertura, de tipo fenomenológico, ao acontecer humano. Assim, focalizando como o adolescente é imaginado, temos condições de perceber se estamos, ou não, diante de manifestações preconceituosas.

O conceito de imaginário tem sido usado nas diferentes ciências humanas, desde diferentes perspectivas teóricas. Sem pretensão de apresentar um quadro completo, parecem-nos suficiente lembrar as contribuições de Sartre (1940/1986), Lacan (1966), Castoriadis (1975), Durand (1993) e Taylor (2003). Tornou-se, deste modo, um termo que demanda definição, uma vez que tem sido usado sob acepções bastante diversas, desde uma visão em que se aproxima do falso até outras que enfatizam sua potência criadora de realidades. Cabe, portanto, esclarecer que entendemos o imaginário como conduta que tanto se expressa como atividade psíquico-imaginativa, como por meio de ações concretas, tais como atravessar a rua quando um grupo de adolescentes pobres se aproxima ou proteger edifícios com grades altas. Segundo essa perspectiva, produzimos ativamente, por meio das condutas, inclusive imaginativas, a dimensão afetivo-emocional do mundo social em que vivemos.

Para abordar o imaginário como conduta, utilizamos o método psicanalítico de investigação, segundo uma concepção que, encontrando respaldo no pensamento freudiano, considera-o logicamente anterior às teorias e terapêuticas que dele podem derivar (Hermann, 1979; Laplanche & Pontalis, 1967). Se a psicanálise clínica é concomitante à invenção do método, e cronologicamente anterior à construção das diversas teorias e doutrinas psicanalíticas, o fato é que todo o saber sobre a conduta e seus determinantes inconscientes encontra seus fundamentos num método que, articulando atenção flutuante e associação de ideias, depende da assunção de uma atitude fenomenológica.

Ora, se o método é logicamente anterior às teorias e ao tratamento, faz sentido pensar que pode ser produtivamente utilizado fora de contextos de atendimento. Uma interessante possibilidade se descortina quando o utilizamos na realização de entrevistas com



participantes de pesquisas qualitativas. Um excelente e denso estudo da entrevista psicológica, realizado por Bleger (2003) fornece uma base bastante confiável em termos do uso rigoroso da psicanálise neste tipo de pesquisa.

Entretanto, se o método psicanalítico se presta à realização de pesquisas qualitativas, exige que o operacionalizemos de modo a permitir o estabelecimento de intercâmbio de ideias com pesquisadores que adotam outras abordagens teóricas, de caráter compreensivo. Distinguimos, operacionalmente, uma sequência composta por quatro procedimentos investigativos, a partir da qual este estudo se organiza: 1) Procedimento de Configuração de Entrevistas; 2) Procedimento de Registro de Entrevistas; 3) Procedimento de Interpretação de Entrevistas e 4) Procedimento de Interloquções Reflexivas.

Os três primeiros se realizam a partir de atenção flutuante e associação de ideias, aqui alargadas no sentido de acolhimento à expressão subjetiva do participante, que inclui, mas não se limita ao registro verbal. O quarto procedimento corresponde a um trabalho de caráter reflexivo, indispensável quando concebemos a psicologia como "ciência em primeira pessoa" (Politzer, 1928/2003). Aqui, as reflexões se fazem como interloquções entre pesquisadores, como um "pensar com", que se realiza como trabalho de articulação das interpretações com conceitos e teorias.

Na presente pesquisa, o *Procedimento de Configuração das Entrevistas* concretizou-se por meio de seis entrevistas individuais abertas, articuladas ao redor do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema. Tal procedimento, que usamos como um mediador dialógico para facilitar a expressão dos participantes, foi desenvolvido por Aiello-Vaisberg (1999) a partir de uma proposta, idealizada por Trinca (1976), que tinha originalmente finalidade diagnóstica. Assim, convidamos cada idoso(a) a desenhar um "adolescente dos dias de hoje" e, posteriormente, a inventar uma história sobre a figura desenhada.

Como estamos nos movendo no terreno da pesquisa qualitativa exploratória, contexto no qual não faz sentido falar em amostragem, na acepção precisa do conceito, cabe declarar que os participantes idosos foram contatados segundo critérios de acessibilidade, no contexto da classe média da zona urbana de uma cidade interiorana de Minas Gerais, onde habitam, aproximadamente, quarenta mil pessoas. Participaram da investigação seis idosos, contatados a partir de relacionamentos prévios e convidados a participar voluntariamente da pesquisa, cujas idades variavam de 61 a 69 anos. Todos mantêm contato com família, vizinhança e comunidade bem como acesso contínuo a rádio, televisão, sendo que metade faz uso da internet. Convidamos três homens e três mulheres, considerando que a dimensão de gênero, na nossa sociedade, provavelmente influencia as condutas de idosos e idosas de modo geral. Os participantes foram entrevistados em seus domicílios, segundo conveniências que visaram cuidar de seu conforto pessoal, uma vez que gentilmente se dispuseram a colaborar conosco. Quatro participantes tinham filhos adultos e netos adolescentes, um participante tinha apenas um filho adulto e apenas uma não tinha filhos e



nem netos. No plano institucional propriamente dito, o projeto de pesquisa foi aprovado por Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos.

O segundo momento, o *Procedimento de Registro das Entrevistas*, operacionalizou-se por meio da adoção de dois tipos de material. O primeiro material corresponde aos próprios desenhos e histórias. O segundo material corresponde a narrativas transferenciais, que abrangem tanto lembranças sobre o que foi dito durante a entrevista, como impactos emocionais vivenciados pela pesquisadora (Granato & Aiello-Vaisberg, 2004; Aiello-Vaisberg, 2005; Aiello-Vaisberg & Machado, 2005; Aiello-Vaisberg et al, 2009).

Uma correta descrição do *Procedimento de Interpretação das Entrevistas* deve ser antecedida por um breve esclarecimento acerca da visão de inconsciente aqui adotada. Privilegiando vertentes concretas e relacionais da psicanálise (Bleger, 1963; Mitchell, 2013; Liberman, 2014), insistimos em lembrar que não adotamos a concepção clássica do inconsciente como dimensão intrapsíquica, para pensá-lo como *campo* afetivo-emocional subjacente às interações inter-humanas, ou seja, não como algo que reside na interioridade individual e sim como sensibilidade pré-reflexiva que se espraia *entre* indivíduos e grupos. O pensamento blegeriano (1963; 1988; 2003) tem se prestado a interessantes releituras, segundo as quais sua psicologia concreta da conduta encontraria melhor fundamentação numa perspectiva fenomenológica que só poderia admitir uma dialética sem síntese, à moda merleau-pontyana, mas não os postulados da dialética marxista (Sastre, 1974; Liberman, 2014). Pode-se mesmo afirmar que a perspectiva fenomenológica blegeriana se traduz como uma teoria de campo, num contexto fortemente influenciado pela recepção argentina ao pensamento de Merleau-Ponty (1945), como bem descrevem Ferro e Civitarese (2015). Na escola psicanalítica argentina, a noção de campo é explorada, sob a pena de Willy e Madeleine Baranger, nos limites da situação analítica, para em pouco tempo ganhar, no texto de Bleger (1963), uma extensão maior, na medida em que é usada para estudo da conduta concreta dos seres humanos, tal como se dá na vida cotidiana. O cotidiano, constituído por interações entre indivíduos, grupos e comunidades, é concebido como complexa produção sociocultural, que tem lugar em contextos geopolíticos e históricos.

Neste contexto teórico, faz sentido cumprir a etapa interpretativa dos registros de entrevista apresentando-os ao grupo de pesquisa composto por integrantes capacitados a usar o método psicanalítico no contexto da pesquisa empírica. O processo interpretativo é grupal porque entendemos que comunicações emocionais, como emergentes de campos vinculares inconscientes, podem ter seus sentidos melhor apreendidos sob olhares múltiplos. Cultivando uma postura fenomenológica, seguimos aqui as palavras de ordem de Fabio Herrmann (1979): "deixar que surja", "tomar em consideração" e "completar a configuração do sentido afetivo-emocional emergente".

Por fim, atendemos ao requerido pelo *Procedimento de Interlocuções Reflexivas*, que consiste na retomada das interpretações – que correspondem aos campos de sentido afetivo-



emocional subjacentes aos desenhos, às histórias e às narrativas das entrevistas, à luz do pensamento de um ou mais autores, conforme nos pareça oportuno, caso a caso, em termos de cada pesquisa empírica, num movimento de caráter reflexivo. Neste momento intentamos produzir conhecimento sob um modelo compreensivo e intersubjetivo baseando-nos na ocorrência de uma virada fenomenológica, no campo psicanalítico, que abriu novos caminhos, que fundamentam o abandono de modelos explicativos pulsionais em favor da adoção de visões que valorizam dimensões relacionais e intersubjetivas (Greenberg & Mitchell, 1994; Reis, 2009). Nossa perspectiva apresenta, portanto, convergência com aquelas de autores que, a partir dos anos noventa, passaram a subscrever este segundo modo de teorizar, dentre os quais podemos citar Mitchell (1993); Spezzano (1996); Stolorow (1997), Stolorow e Atwood (1992) e Ogden (1994). Compreensivelmente, a adoção destes novos rumos tem coincidido no sentido de consideração mais cuidadosa do ambiente humano que, entretanto, muitas vezes se limitou, infelizmente, ao âmbito das relações primárias, sem considerar devidamente os contextos sociais nos quais estas se inserem.

Campos do Imaginário de Idosos sobre Adolescentes

Leituras e releituras do material assim obtido foram realizadas pelos integrantes do Grupo de Pesquisa, em estado de atenção flutuante, permitindo a produção interpretativa de dois campos de sentido afetivo-emocional, que denominamos "Seres Problemáticos" e "Seres Negados".

Definimos o campo denominado "Seres Problemáticos" como aquele que se organiza ao redor da crença de que os adolescentes dos dias de hoje são pessoas que causam problemas para si mesmos e para pessoas que os cercam, em virtude do modo como se comportam.

Por outro lado, o campo "Seres Negados" seria aquele que se organiza ao redor da crença de que os adolescentes não existem, de fato, como coletivo social que valha a pena identificar. Em outros termos, a percepção da existência de pessoas naquela faixa etária, usualmente reconhecida como adolescência, não se traduz como reconhecimento de uma fase diferenciada da vida, com características peculiares.

Vale ressaltar que não encontramos tendências segundo o gênero dos participantes, uma vez que cinco deles, três mulheres e dois homens, apresentaram condutas do campo "Seres problemáticos" e quatro, dois homens e duas mulheres, manifestaram condutas do campo "Seres negados".

O primeiro campo de sentido afetivo-emocional, denominado "Seres Problemáticos", indica que os participantes da pesquisa tendem a considerar que os adolescentes como pessoas que apresentam condutas causadoras de problemas, que tanto podem prejudicar a si mesmas como aos demais. O exame do material permite, ainda, que constatemos que os



adolescentes seriam problemáticos segundo duas diferentes perspectivas. A partir de uma delas, os adolescentes se tornariam problemáticos porque teriam sido vítimas da falta de educação e amparo, enquanto a partir da outra, seriam intrinsecamente responsáveis e culpados pelos males que causam.

Manifestações alinhadas à perspectiva segundo a qual os adolescentes seriam vítimas expressam que os problemas, que apresentam, derivariam do fato de não terem sido bem cuidados ou bem-educados. Teriam sido, portanto, de um modo ou de outro, abandonados por aqueles a quem caberia a responsabilidade por sua proteção e preparo para a vida. Estaríamos, assim, diante do efeito de falhas cometidas por mãe e/ou pai, e/ou família, e/ou governo e/ou sociedade: *"O adolescente dos dias de hoje tem falta de pai, mãe, carinho, dinheiro (...) Há muito desinteresse dos pais na vida dos filhos, com a escola também"* (Dona Marisa)¹.

Atribuir culpa aos pais, que pertencem, vale lembrar, à geração dos filhos dos nossos participantes, é uma crítica que merece atenção, pois certamente significa uma reprovação a métodos educacionais e/ou estilos de vida daqueles que hoje tem filhos adolescentes. As buscas por realização profissional e pessoal da mulher, que não permanece mais exclusivamente no espaço doméstico, ou formas de educar mais próximas e mais brandas, assumidas pelo pai, aparecem como questões relevantes. Deste modo, o que parece circular neste imaginário é a visão de que novas formas de divisão de trabalho entre marido e mulher, alternativas a outras que seguem moldes conservadores, poderiam estar na origem da juventude problemática: *"As mães tinham que cuidar dos filhos e dar atenção e os pais tinham o dever de trabalhar, colocar comida na casa e disciplina..."* (Seu Chico).

Em certos momentos, os participantes chegam a situar os problemas atribuídos aos pais dos adolescentes no contexto da vida social mais ampla, que é criticada de modo mais abrangente. Nestes trechos, o Estado surge como alvo principal, pois pecaria por não implementar políticas públicas satisfatórias: *"No Chile, está melhor que aqui! O governo usou os meios que tinham para educar a nação: o governo e a família. Pessoa que cresce sem família é difícil não ser problema. Sem família, educadores..."* (Tom).

Entre as manifestações que emergiram deste campo, ao lado de agentes sociais que não cumpririam com suas responsabilidades – os pais, o governo e a sociedade de forma geral – encontramos uma visão que atribui as dificuldades não apenas à falta de limites ou de disciplina, mas, mais precisamente, ao ócio, ao fato de os adolescentes não trabalharem.

Aqui, o trabalho aparece como um fator disciplinador muito importante. Há um imaginário constituído pela ideia de que apenas os jovens que trabalham não serão um problema para a sociedade. De fato, parece haver uma crença de que quando o adolescente não usa drogas, estuda e trabalha, já não é mais considerado como um adolescente, mas como alguém que está ingressando corretamente na vida adulta. Neste imaginário, o

¹ Identificamos os participantes com nomes fictícios, inspirados em músicos brasileiros.



trabalho é visto como uma atividade necessária não apenas pelo retorno financeiro, mas sim pela ideia de que os jovens precisariam estar o tempo todo ocupados para que não permaneçam com suas mentes vazias e ociosas. Estamos, ao que tudo indica, diante de uma visão do trabalho como estratégia moralizadora a serviço da formação do caráter. Aqui, cremos poder identificar uma visão na qual se mescla a atribuição de culpa não só aos pais, mas também à sociedade civil, que facilitaria o ócio adolescente, herdeiro do ócio infantil, por meio de medidas protetivas que defendem que apenas adultos devem estar incumbidos de atividades laborais. De qualquer forma, não podemos negar que, no ocidente, mudanças sociais significativas, certamente multideterminadas, aceleraram-se a partir de meados do século XX, incidindo sobre diversas questões. As relações intergeracionais não escapam desse movimento geral, de modo que aqueles, que hoje são idosos, vivenciaram suas adolescências em moldes bem distintos de como acontece nos dias atuais.

Outra perspectiva, emergente deste mesmo campo, "Seres Problemáticos", apresenta a ideia de que os jovens seriam essencialmente nefastos, ou seja, problemáticos por sua própria natureza. Os adolescentes surgem nos desenhos e histórias como feios, barbudos, desleixados, tatuados, mal arrumados, bêbados, briguentos e agressivos. Seriam capazes de atos violentos dos mais diversos tipos, incluindo estupros e assassinatos, que amedrontariam toda a sociedade, como se pode apreciar na seguinte comunicação: *"é raro vê-los sóbrios, muitos já saem embriagados ou drogados, parecem desencantados. Saem em turmas mas, muitas vezes não para se divertir e sim bagunçar..."* (Dona Rita).

Neste exemplo fica bastante claro que os atributos negativos imaginados são considerados como aspectos primários e essenciais dos adolescentes. Afastamo-nos, portanto, da perspectiva anterior, que concebia os problemas apresentados pelos adolescentes como efeitos derivados de causas familiares e/ou sociais.

O segundo campo de sentido afetivo-emocional encontrado, denominado "Seres Negados", organiza-se ao redor da crença de que os adolescentes não existem, de fato, como coletivo social, com características peculiares e necessidades específicas. Evidentemente, este segundo campo não significa que os participantes neguem a existência concreta de indivíduos com idade cronológica variando, aproximadamente, entre 12 e 20 anos. Entretanto, tal percepção não se traduz como reconhecimento de um coletivo que compartilharia condições e dramas de vida comuns.

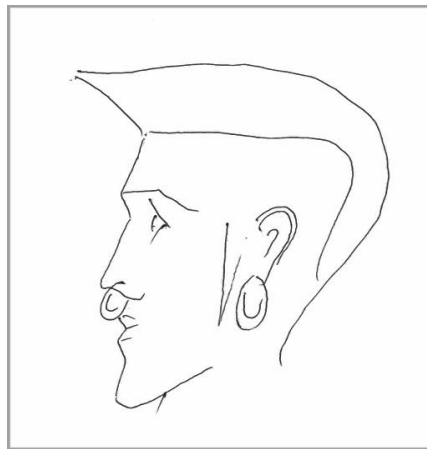
Encontramos dois tipos de manifestações de conduta como emergentes deste campo. Uma consiste em considerar o adolescente como uma "criança grande", tola, fútil e incapaz de usufruir das vantagens de quem não precisa enfrentar as responsabilidades da vida adulta, inclusive o trabalho. Há aqui uma forma de negação que não diferencia a adolescência da infância, esta última vista de maneira idealizada.

Quando uma das participantes, Dona Rita, declara em tom expressivo que *"É tão bonito quando vemos vários adolescentes divertindo uma diversão sadia daquelas que nem vê a hora passar..."*



alguns poderiam ser tocados no sentido de pensar que certamente estaria apenas reconhecendo uma capacidade sadia de diversão. Contudo, essa mesma comunicação, considerada no contexto geral da narrativa transferencial da entrevista, pode gerar, entre psicanalistas, a constatação de que opera uma equação simbólica que iguala a infância, como lugar do brincar sadio e inocente, com a adolescência, praticamente dissolvendo essa última.

A segunda manifestação de negação do adolescente ocorre por meio de um movimento que o torna abstrato, quase invisível, como mero ser de passagem, que ainda não é. Vale a pena aqui reproduzir não apenas a história, mas também o desenho de um dos participantes: *"Começo de reencontro entre o índio e a sociedade, que se diz, pretensiosamente, civilizada."* (Caetano).



Neste desenho-estória percorremos de modo veloz a passagem de uma infância idealizada, concebida como estado maximamente próximo à mãe-natureza, para chegar instantaneamente ao homem adulto, um ser que pertence a uma sociedade que se julgaria civilizada por hipocrisia. Aqui o adolescente comparece como uma faísca, como um bólido ultra veloz pelo qual o índio-criança é arremessado e transformado no adulto de uma sociedade decadente.

Não encontramos aqui, neste segundo campo, indícios indiscutíveis de que nos encontramos diante de manifestações imaginativas preconceituosas contra os adolescentes. Contudo, pensamos que o movimento de negar a existência do adolescente, tornando-o quase invisível, corresponde a uma atitude de desconsideração que, não sendo abertamente hostil, não deixa de se apresentar como pouco sensível e pouco empática.

Interlocuções Reflexivas

Quando consideramos os campos de sentido afetivo-emocional da presente pesquisa à luz das contribuições blegerianas, identificamos que o primeiro campo, "Seres Problemáticos", pode estar instalado em dois diferentes contextos que, são também, por seu



turno, campos: paranoides e ritualistas. Percebemos, também, que o segundo campo, "Seres Negados", situa-se em um contexto esquizoide. Buscaremos, nas próximas linhas, deixar tais afirmações mais claras, pensando-as, inclusive, em termos das condições socioculturais que as sustentam e que podem sustentar.

Campos paranoides exigem que os fenômenos relacionais, em âmbitos inter-humanos que vão desde o pequeno grupo até a escala de grandes coletivos populacionais, organizem-se segundo a distinção entre seres malévolos e benéficos, que provocam ímpetos de ódio ou amor, extermínio ou adoração. Os seres são vistos, nesse contexto, como essencialmente bons ou maus, ou seja, considera-se que a bondade ou a maldade correspondam à sua própria natureza, que seria, portanto, imutável (Bleger, 1963). Visões paranoides da vida podem ser consideradas como radicais e primitivas porque produzem realidades simplificadas bastante perigosas já que, no limite, prejudicam ou colocam em risco a permanência e integridade de grupos humanos. Sob a regência de campos paranoides, o preconceito assume feições extremistas, clamando pelo extermínio do seu alvo. Tal extermínio pode se dar de modo direto, por meio de atos de assassinato real, ou de modo indireto, via outros tipos de destruição, em que indivíduos e grupos são condenados à humilhação e injustiça social.

Entretanto, o campo dos "Seres Problemáticos" pode também se situar em contextos ritualistas ou obsessivos (Bleger, 1963). Nestes, o esquematismo paranoide é tomado como ponto de partida, mas um novo e importante elemento ganha relevo, na medida em que é aventada a possibilidade de controlar e dominar aquilo que derivaria da maldade. Nessa linha, os seres bons seguem sendo alvo de amor, cuidado e admiração, enquanto os seres maus devem ser controlados, domados e submetidos ao "bem". Todas as posturas moralistas, sejam quais forem os tipos de racionalizações que adotem, seguem tal lógica emocional. Trata-se de "fazer o bem", tendo em vista despojar o outro de suas características originais para alçá-lo a uma condição que se aproxima do que se considera superior. Neste contexto, vemos uma retórica de prática do bem, sendo este evidentemente definido por aquele que teria poder para se impor. Inserem-se, por exemplo, como condutas deste tipo, tanto atos individuais de controle, digamos, de um parceiro amoroso, como fenômenos socioculturais como o controle da mulher em grupos sociais conservadores de feição patriarcal.

As produções nas quais os adolescentes figuram como vítimas tendem a se posicionar conforme campos obsessivos ou ritualistas, buscando, a partir de suas críticas, mostrar como a maldade adolescente deriva de condições que devem ser transformadas: os pais, a família, o governo ou a sociedade. Pouco importa, aqui, considerar se são pessimistas ou realistas quanto à viabilidade de tal transformação, pois o fundamental, a nosso ver, é sua concepção de que mudanças são ou teriam sido possíveis. Por outro lado, lembramos que o problema dos campos ritualistas é a crença de que o outro pode ser controlado e/ou domado e, por isso, torna-se menos perigoso no imaginário do que os que habitam campos paranoides.



Prosseguindo nossa interlocução com Bleger (1963), somos levados a considerar que o campo de sentido afetivo-emocional "Seres Negados" associa-se com campos intersubjetivos esquizoides, que se definem pelo distanciamento, com supervalorização das relações intelectualizadas, racionalizadas e "frias". Nesse imaginário o adolescente se torna abstrato, sendo substituído, nas produções dos participantes da pesquisa, por uma idealização da infância ou uma teorização filosofante. Aqui tem lugar o que podemos designar como verdadeira invisibilização da adolescência que, se não indica preconceito velado, certamente emerge a partir de um posicionamento pouco sensível e pouco empático em relação ao adolescente. O movimento pelo qual algo existente é tornado abstrato, confronta-nos, no contexto desta pesquisa, com o poderíamos designar como uma tendência a desmaterializar o adolescente, do que resulta sua eliminação da cena. Há, portanto, uma expressão sutil de hostilidade, que nos cumpre apontar. Por outro lado, não nos parece existir aqui elementos que apontem claramente para o preconceito, tais como os encontramos no primeiro campo. Em suma, percebemos um movimento, certamente mais sutil, mas não menos real, por parte dos participantes idosos, de ignorar o adolescente.

Caberia, então, indagar sobre o significado mais geral das manifestações que aqui encontramos, lembrando que, ao estudarmos o imaginário de idosos sobre adolescentes, tendo em vista a eventual detecção de preconceitos, estamos lançando alguma luz sobre a questão mais abrangente das relações entre gerações. Sabemos que todas as sociedades humanas são compostas por grupos de indivíduos de diferentes idades, de modo que a convivência entre gerações é universal, ainda que, a exemplo do que ocorre com relação a todos os aspectos da condição humana, seja diferentemente solucionada pelas culturas (Gottlieb, 2012).

Constatar que os idosos participantes tendem tanto a imaginar os adolescentes como problemáticos como a manifestar pouca empatia em relação a este período de vida, interroga-nos sobre a necessidade de melhor compreender este fenômeno. Pensamos que provavelmente esteja em foco uma exigência que um mundo em constante mudança faz para aqueles -os mais idosos- cuja experiência e saber podem parecer de pouca serventia para o futuro. Assim, talvez lidem com os jovens menos em função do modo como se comportam de fato, em sua maioria, mas como representantes - reais - de futuros nos quais os modos de vida que os participantes conheceram estarão, provavelmente, desvanecidos. Quando os processos de transformação das crianças em adultos não são celebrados com entusiasmo nem tolerados com benevolência, certamente estamos diante de grave problema social e cultural. Isso demonstra dificuldades na instauração de relações intergeracionais construtivas e solidárias (Souza, 2003; Ferrigno, 2009; França, Silva & Barreto, 2010). A nosso ver, este é um item que não pode faltar nas agendas de sociedades que se preocupam ética e autenticamente com o futuro.



Referências

- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. Tese de Livre Docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2005). Os monstros, o método e o estabelecimento da capacidade ética. Em T. M. J. Aiello-Vaisberg & F. F. Ambrósio (Org.s). *Cadernos Ser e Fazer: reflexões éticas na clínica contemporânea* (pp. 09-26). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. & Machado, M. C. L. (2005). Narrativas: o gesto do sonhador brincante. Em *Anais do Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise*, 4 [CD-ROM]. São Paulo: Estados Gerais da Psicanálise.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., Machado, M. C. L., Ayouch, T., Caron, R. & Beaune, D. (2009). Les récits transferenciels comme presentation du vécu clinique: une proposition méthodologique. Em D. Beaune. (Org.). *Psychanalyse, philosophie, art: dialogues* (pp. 39-52), Paris: L'Harmattan.
- Baranger, M. & Baranger, W. (1969). *Problemas del campo psicoanalítico*. Buenos Aires: Kargieman.
- Barreto, M. A. M. (2006). *Do vôo preciso: considerando o imaginário coletivo de adolescentes*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- Barreto, M. A. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2010). O tornar-se adulto no imaginário coletivo de adolescentes interioranos. *Psicologia em Revista*, 16(2), 310-329. Recuperado em 20 de setembro, 2014, de pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000200006&lng=pt&tlng=pt.
- Barus-Michel, J. (2005). Entre sofrimento e violência: a produção social da adolescência. Em *Anais do 1º Simpósio Internacional do adolescente* [online]. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Recuperado em 1 de abril, 2009, de www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000100018&lng=en&nrm=iso.
- Bleger, J. (1963). *Psicologia de la conducta*. Buenos Aires: Paidós.
- Bleger, J. (1988). *Simbiose e ambiguidade* (M. L. Borges, Trad.). Rio de Janeiro: São Francisco Alves. (Original publicado em 1968).
- Bleger, J. (2003) *Temas de psicologia: entrevistas e grupos* (R. M. de Moraes, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado 1979).



- Botelho-Borges, A. A., Barcelos, T. F. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Leal a si mesmo: um diálogo com o filme "Meu tio matou um cara". *XI Jornada Apoiar Adolescência: identidade e sofrimento na clínica social* (pp. 104-113). São Paulo: Biblioteca Dante Moreira Leite do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Cabreira, J. C., Pontes, M. L. S., Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2007a). O imaginário coletivo de adolescentes sobre a adolescência no mundo atual. Em *I Jornada de Psicanálise e Fenomenologia*. Campinas, SP: Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Recuperado em 26 de abril, 2013, de serefazer.psc.br/wp-content/uploads/2012/10/Texto-I-Jornada-Psicanalise-e-Fenomenologia.pdf
- Cabreira, J. C., Pontes, M. L. S., Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2007b). Ódio e discriminação contra "emos": um estudo sobre o imaginário coletivo de adolescentes. Em *Jornada sobre a criança e o adolescente*. São Paulo: Universidade de São Paulo. Recuperado em 27 de setembro, 2013, de serefazer.psc.br/wp-content/uploads/2012/10/Texto-Simposio-NPCR.pdf.
- Camps, C. I. C. de M. (2003). *A hora do beijo: teatro espontâneo com adolescentes numa perspectiva winnicottiana*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Castoriadis, C. (1975). *L'institution imaginaire de la société*. Paris: Seuil.
- Durand, G. (1993). *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris: Dunod.
- Ferreira, M. C. (2006). *Encontrando a criança adotiva: um passeio pelo imaginário coletivo de professores à luz da psicanálise*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- Ferrigno, J. C. (2009). *O conflito de gerações: atividades culturais e de lazer como estratégia de superação com vistas à construção de uma cultura intergeracional solidária*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Ferro, A. & Civitarese, G. (2015). *The analytic field and its transformations*. London: Karnac Books.
- Flasher, J. (1978). Adultism. *Adolescence*, 13(51), 517-523.
- França, L. H. F. P., Silva, A. M T. B. & Barreto, M. S. L. (2010). Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(3), 519-531. Recuperado em 10 de abril, 2014, de www.scielo.br/pdf/rbgg/v13n3/a17v13n3.pdf
- Gióia-Martins, D. F. (1998). *Obesidade: estudo das representações sociais de endocrinologistas em hospital público*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.



- Gottlieb, A. (2012). *Tudo começa na outra vida* (M. Sobreira, Trad.). São Paulo: Unifesp. (Original publicado em 2004).
- Granato, T. M. M. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2004). Tecendo a pesquisa clínica em narrativas psicanalíticas. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 12(2), 253-271.
- Greenberg, J. R. & Mitchell, S. A. (1994). *Relações objetais na teoria psicanalítica* (E. O. Diehl, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1983).
- Hermann, F. (1979). *O método da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense.
- Klein, A. (2008). Adolescents without adolescence: reflections on adolescents formation of subjectivity and their families in a Neoliberal context. *The Spanish Journal of Psychology*, 11(2), 464-479.
- Lacan, J. (1966). *Ecrits*. Paris: Seuil.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1967). *Vocabulário de psicanálise* (P. Tamen, Trad.). Lisboa: Presença. (Original publicado em 1967).
- Le François, B. A. (2014). Adultism. Em *Encyclopedia of critical psychology* (pp. 47-49). New York: Springer.
- Lieberman, A. (2014). Stephen A. Mitchel y el psicoanálisis rioplatense clásico (Bleger): convergencias. *Clinica y Investigación Relacional*, 8(1), 51-60.
- Mencarelli, V. L., Bastidas, L. S. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2008). A difícil notícia do diagnóstico da síndrome de imunodeficiência adquirida para jovens: considerações psicanalíticas com base na perspectiva winnicottiana. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 10(2), 106-120. Recuperado em 28 de novembro, 2015, de editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/473/286
- Merleau-Ponty, M. (1945). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard.
- Minhoto, M., Ambrosio, F. F. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2006). Utilización del procedimiento dibujos-cuentos con tema en la investigación del imaginario de adolescentes sobre niños de la calle. Em *Resúmenes y Trabajos del XIII Congreso Latinoamericano de Rorschach y Métodos Proyectivos* [CD-ROM]. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú.
- Mitchell, S. A. (1993). *Hope and dread in psychoanalysis*. New York: Basic Books.
- Mitchell, S. A. (2013). *Relational psychoanalysis: the emergence of a tradition*. New York: Rotledge, Kindle Edition.



- Montezi, A. V., Zia, K. P., Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Imaginário coletivo de professores sobre o adolescente contemporâneo. *Psicologia em Estudo*, 16(2), 299-305.
- Montezi, A. V., Barcelos, T. F., Ambrosio, F. F. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Linha de passe: adolescência e imaginário em um filme brasileiro. *Psicologia em Revista*, 19, 74-88.
- Ogden, T. (1994). *Subjects of analysis*. Northvale, Estados Unidos da América: Aronson.
- Pratta, E. M. M. & Santos, M. A. (2007a). Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 247-256.
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. (2007b). Opiniões dos adolescentes do ensino médio sobre o relacionamento familiar e seus planos para o futuro. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 17, 103-114.
- Politzer, G. (2003). *Critica de los fundamentos de la psicología*. Paris: PUF. (Original publicado 1928).
- Pontes, M. L. S. (2011). *A hora H: o imaginário coletivo de profissionais da saúde mental sobre adolescência*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- Reis, B. E. (2009). Psychoanalytical dialogues. *Internacional Journal of Relational Perspectives*, 9(3), 371-393.
- Resende, T. F. (2006). Crianças e informação: papéis da família e da escola. *Educação & Realidade*, 31(2), 171-188.
- Salles, L. M. F. (2005). Infância e adolescência contemporânea: alguns apontamentos. *Estudos de Psicologia*, 22(1), 33-41.
- Sartre, J. P. (1986). *L'imaginaire*. Paris: Gallimard. (Original publicado em 1940).
- Sastre, S. (1974). *La psicología, red ideológica*. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo.
- Scalon, C. & Salata, A. (2012). Uma nova classe média no Brasil da última década?: o debate a partir da perspectiva sociológica. *Sociedade e Estado*, 27(2), 387-407. Recuperado em 1 de dezembro, 2014, de www.scielo.br/pdf/se/v27n2/a09v27n2.pdf
- Souza, E. M. (2003). Integração entre gerações na promoção da saúde: estudo qualitativo no Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 37(4), 463-469.
- Spezzano, C. (1996). The three faces of two-person psychology: development ontology and epistemology. *Psychoanalytic Dialogues*, 6, 599-622.
- Stolorow, R. D. (1997). Review essay: principles of dynamic systems, intersubjectivity, and



the obsolete distinction between one-person and two-person psychologies. *Psychoanalytic Dialogues*, 7, 859-868.

Stororow, R. D. & Atwood, G. E. (1992). *Contexts of being*. Hillsdale, Estados Unidos da América: The Analytic Press.

Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2008). Estilo clínico Ser e Fazer: relato de uma intervenção institucional com mulheres que perderam a guarda dos filhos. Em *IX Simpósio CEFAS e II Jornada FLAPAG*. Campinas, SP: CEFAS. Recuperado em 18 de junho, 2015, de serefazer.psc.br/estilo-clinico-ser-e-fazer-relato-de-uma-intervencao-institucional-com-mulheres-que-perderam-a-guarda-dos-filhos/

Taylor, C. (2003). *Modern social imaginaires*. Durham, Inglaterra: Duke University.

Trinca, W. (1976). *Investigação clínica da personalidade: o desenho livre como estímulo de apercepção temática*. Belo Horizonte: Interlivros.

Nota sobre os autores

Natália Del Ponte de Assis é psicóloga, doutoranda e mestra em Psicologia como Ciência e Profissão, no Grupo de Pesquisa: Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção, pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Bolsista CAPES. E-mail: nataliadpassis@gmail.com

Rafael Aiello Fernandes é psicólogo, doutorando e mestre em Psicologia como Ciência e Profissão no Grupo de Pesquisa: Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção, pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Bolsista CNPQ. E-mail: aiello.fernandes.rafael@gmail.com

Tânia Aiello Vaisberg é professora livre-docente em Psicopatologia, doutora em Psicologia Clínica e mestra em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. Atualmente, é docente da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e professora permanente do Programa de Pós Graduação em Psicologia. E-mail: aiello.vaisberg@gmail.com

Data de recebimento: 15/06/2015

Data de aceite: 04/11/2016